

## Descansando em Deus<sup>1</sup>

A “Noite Latina” foi muito divulgada nas redes sociais da Hillsong como parte do “Mês da Diversidade” da igreja. Durante esse mês, outros povos também receberam destaque nos cultos dominicais da noite. A Hillsong, por ser localizada na Austrália, onde o multiculturalismo é uma parte integral da sociedade, oferece espaço para diferentes grupos étnicos expressarem suas “culturas” dentro da igreja. Iniciado como uma política governamental na década de 1970, o multiculturalismo australiano é baseado em uma essencialização da etnia, promovendo a diversidade cultural (Castles et al., 1990). O “Mês da Diversidade”, é claro, também ajuda a Hillsong a mostrar seu crescimento global.

Como de costume, eu participei do culto noturno no *City Campus* de Sydney, onde a maioria dos brasileiros se reúnem. O culto foi em inglês, mas teve seu foco na cultura latino-americana: a banda tocou músicas populares latinas atemporais (“La Bamba”, “Macarena” etc.), enquanto o pastor e membros da congregação dançavam no palco. Grupos de jovens seguravam bandeiras de seus diferentes países de origem. O culto terminou com todos dançando conga, iniciando a fila no palco e seguindo por todo o auditório. Depois do culto, jovens voluntários latino-americanos vendiam comidas típicas de seus países no café no saguão da igreja. Antes de prosseguir, ressalto que a presença de música e dança seculares no palco marca uma diferença importante em relação ao estilo pentecostal brasileiro, como vimos nos capítulos anteriores.

---

1 Capítulo traduzido para a língua portuguesa por Alexia W. de Araujo, sob supervisão e revisão de tradução da Profa. Dra. Rozane R. Rebechi e Profa. Dra. Cristina Rocha.

O pastor que pregou naquela noite foi Chris Mendez, um australiano-argentino que mais tarde, naquele mesmo ano, se mudaria com a família para Buenos Aires para abrir um novo campus da Hillsong. Um ano depois, em 2016, junto com a esposa, ele também foi nomeado “Pastor Líder” do campus de São Paulo. Com 44 anos, exibia um estilo comum entre os pastores da Hillsong — jeans justo, camiseta branca, jaqueta de couro preta, colar de prata, tênis e um corte de cabelo *undercut*. Enquanto pregava, o pastor Chris abordava um problema comum para esta congregação em particular: a discriminação enfrentada por muitos estrangeiros na Austrália. Ele começou nos contando que os pais vieram para a Austrália em 1974. Quando ele completou 21 anos, decidiu visitar alguns primos na Argentina. Na época, a Argentina estava sob uma ditadura.

Ele contou sua história como se fosse uma narrativa dramática, porém, divertida, gesticulando enfaticamente e andando de um lado para o outro no palco. Disse que em uma noite, quando estava voltando para casa após uma festa com os seus primos, um policial os parou e os arrancou do carro. Ele sentiu a arma no pescoço, mas no momento em que mostrou o passaporte australiano e começou a falar em inglês, imediatamente os policiais o soltaram e começaram a tratá-lo de forma diferente, até mesmo pedindo desculpas. Ele reencenou o momento, deitando-se no chão e depois erguendo o próprio passaporte australiano com uma mão acima da cabeça. No meio de vários “uau” e “incrível” da congregação, ele continuou: “Por causa da minha cidadania, tive que me adequar a regras que não eram do meu país de origem. Regras que eram de outro lugar.”

Mendez então mencionou Filipenses 3:20 (“A nossa cidadania, porém, está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo”) e as palavras “Mas a Nossa Cidadania está nos Céus” foram projetadas nos grandes telões no fundo do palco. Ele afirmou que mesmo que as pessoas fossem discriminadas na Austrália, elas pertenciam a um lugar mais importante do que uma nação na terra. Ele enfatizou: “Porque somos cidadãos dos altos céus, estamos seguros, assim como quando temos um

passaporte australiano em outro país.” Mendez então explicou como ele próprio havia sido discriminado por ser imigrante na Austrália:

Eu cresci em uma área de Sydney onde os migrantes eram tratados de forma diferente, onde seu destino já estava traçado. Você só poderia ter certos empregos. Mas, em Deus, temos acesso a algo maior; não há limitações. Nesta Terra, sua carteira de identidade, sua cidadania será testada, mas não no Céu. No dicionário, cidadania significa que você tem direito à proteção do governo. Essa tribulação pela qual você está passando não é nada, porque você tem direito à proteção do céu. Você perdeu o emprego e uma promoção. Isso não é o fim. Neste mês estamos tendo o Dia Africano, o Dia Latino e o Dia Asiático. Mas o que é importante é a Cultura do Reino. O multiculturalismo é realmente importante na Terra. O cristianismo transcende países, culturas; é supranacional. Independentemente do lugar onde você nasceu, da cor da sua pele, do sotaque que você tem, em Cristo somos um só. O que nos une é a Cultura do Reino, não as culturas latinas, asiática, africana. Temos direito à proteção do Reino de Deus. A cidadania do céu tem uma data de início, mas não uma data de expiração. É pra sempre. A Bíblia é o passaporte para a cidadania do céu. Ela nos mostra quem somos, o que somos; ela nos diz os nossos direitos e nos dá acesso aos direitos do Reino nesta Terra. Lembrem-se, vocês não são cidadãos deste mundo, mas sim do Céu.

Nesse momento, a banda, que havia voltado ao palco um pouco antes, começou a tocar uma das clássicas canções de adoração da Hillsong, “I Surrender”: “Here I am down on my knees again, surrendering all [...] Find me here Lord as You draw me near, Desperate for You, I surrender [...] With arms stretched wide, I know You hear my cry.”<sup>2</sup>

O tema da noite, o sermão de Mendez, os louvores de adoração que se seguiram e a comida típica de sua terra natal, servida posteriormente no

---

2 Em tradução livre: “Eu me entrego”: “Aqui estou de joelhos novamente, entregando tudo [...] Me encontro aqui, Senhor, enquanto Vós me atrai para perto. Desesperado por Ti, eu me entrego [...] Com os braços estendidos, eu sei que Tu ouve meu clamor.”

café, deram aos jovens brasileiros uma sensação calorosa de estar em casa, protegidos por Deus, no contexto de rebaixamento de status social, da precariedade e do racismo estrutural que encontraram na Austrália.

\* \* \*

Neste capítulo, exploro o papel do pentecostalismo na vida dos estudantes brasileiros de classe média que viajaram para estudar na Austrália e se juntaram a igrejas pentecostais. Os estudantes brasileiros levam vidas precárias. Eles estão em transição para a vida adulta, vivendo longe de sua terra natal e sem as famílias pela primeira vez em suas vidas. Além disso, eles passam por um rebaixamento de status social e estão à mercê de constantes mudanças na política migratória australiana. Aqui, destaco em minha análise outras duas igrejas que adotam formas semelhantes às formas sensacionais da Hillsong – C3 (C3 Church Global) e CJC (Comunidade de Jovens Cristãos, um pseudônimo), uma megaigreja australiana e uma igreja brasileira, respectivamente –, pois muitos brasileiros circulam estrategicamente entre elas e a Hillsong para encontrar um lar longe de casa.

Argumento que o pentecostalismo oferece a eles uma estrutura para dar sentido à sua jornada de migração estudantil. O pentecostalismo pede uma ruptura com o passado, uma crença no sobrenatural, uma relação individual e não mediada com Deus e prosperidade nesta vida. Ele oferece a possibilidade de se juntar a “um grupo de irmãos e irmãs fictícios baseados em um ethos moral compartilhado” (Martin, 2002, p. 23) e adquirir cidadania supranacional no céu, como o Pastor Mendez mencionou anteriormente. Como mostrarei, a fé desses seguidores (que para alguns, é nova) constrói Deus como pai e amigo íntimo, que os ama, protege e realiza milagres em suas vidas (incluindo se tornarem residentes permanentes na Austrália e recuperarem seu status de classe média). Além disso, a igreja os torna visíveis quando a sociedade os torna invisíveis (Vásquez, 2014, p. 87-88), lhes dando um senso de pertencimento, não apenas à congregação da

igreja que se torna sua família, mas também a um lugar acima do estado-nação: o Reino de Deus.

Os estudiosos que pesquisam sobre religião e migração apontam que, ao permitir a filiação transnacional, a religião se apresenta como um mapa através do qual os indivíduos, especialmente migrantes e organizações transnacionais, tentam se localizar em meio à fragmentação e ao deslocamento gerados pela mobilidade (Vásquez e Marquardt, 2003, p. 53). Eles argumentam que a religião é um aspecto importante na inserção dos migrantes no país de destino, bem como nos processos transnacionais (Levitt, 2007; Vásquez e Marquardt, 2003, p. 53-54). Por exemplo, em sua pesquisa com migrantes brasileiros na Flórida, Vásquez e Ribeiro (2007, p. 13) mostraram que as igrejas oferecem conforto:

As igrejas oferecem recursos para ajudar os imigrantes brasileiros a criar espaços de sociabilidade, identidade coletiva e ajuda mútua. Mais importante ainda, além do suporte institucional, a religião serve para tornar o processo de migração significativo, conectando-o com a experiência profundamente afetiva do sagrado em um ambiente hostil.

No entanto, sabemos pouco sobre o papel da inserção religiosa para migrantes temporários, como a crescente multidão de jovens de classe média estudando no exterior. Para eles, as consequências usuais da migração – isolamento, perda de referências, depressão – são ainda mais fortes por serem jovens, vivenciarem instabilidade financeira e pelo fato de não estarem vivendo com suas famílias. Wellman, Corcoran e Stockly (2019, p. 152) utilizam o conceito de *total environment*<sup>3</sup> (ambiente total) para descrever “um contexto que fornece aos frequentadores da megagreja ministérios, recursos e laços sociais suficientes para que geralmente não precisem buscar outras fontes seculares que atendam suas necessidades emocionais

---

3 Se refere à soma total de todos os elementos físicos, biológicos, culturais, sociais e econômicos que rodeiam um indivíduo.

fundamentais. A megaigreja e suas atividades oferecem uma estrutura para suas vidas”. Aqui, mostro que para esses jovens que estão viajando sozinho, esse *total environment* é potencializado: a igreja se torna ainda mais importante como um lugar de sociabilidade, apoio emocional e financeiro, que para famílias migrantes ou congregações locais. Muitos compartilham acomodações com outros membros da congregação, saem com eles após o final das aulas ou do trabalho e até mesmo aos finais de semana.

Substancialmente, mostro que em suas narrativas de migração estudantil para a Austrália, estudantes brasileiros narram a governamentalidade da mobilidade (vistos, empregos, cursos de inglês, patrocinadores para residência permanente [RNE]) através da linguagem da religião. No passado, a governamentalidade era pensada como um poder do Estado para regular e disciplinar seus próprios cidadãos (Foucault, 1997), agora, ela assume dimensões globais, com estados fiscalizando suas fronteiras e regulamentando a mobilidade e o assentamento (Glick Schiller e Salazar, 2013, p. 188; Ong, 1999). Notavelmente, as negociações entre o Estado como guardião de fronteiras e o migrante são influenciadas por uma geometria de poder global (Massey, 1994, p. 149) na qual alguns estados e seus cidadãos são classificados em posições mais altas do que outros. Como resultado, cidadãos brancos, ricos e com educação terciária do primeiro mundo possuem maior mobilidade do que cidadãos de países de terceiro mundo, especialmente se não forem brancos, sem educação terciária e pobres. Isso significa que os brasileiros na Austrália não são elegíveis para vistos de Férias-Trabalho e outros direitos, como o reconhecimento rápido de suas qualificações profissionais, que facilitam o assentamento. Levando vidas tão precárias, eles veem cada obstáculo e conquista como uma obra de Deus em suas vidas. Para os migrantes brasileiros, Deus é quem determina se eles devem permanecer ou retornar para o Brasil. A cidadania no Reino de Deus oferece a eles um sentimento de pertença mais importante do que uma cidadania australiana. Sugiro que o contexto social em que esses jovens se encontram é fundamental para a escolha de sua religião.

## Brasileiros na Austrália

O Brasil tradicionalmente é uma nação formada por imigrantes, mas as crises socioeconômicas do final do século XX aumentaram as desigualdades sociais, o crime e a violência, levando muitos a emigrar. Embora essa situação tenha melhorado no início do século XXI, atualmente o país está enfrentando renovadas crises políticas e econômicas, com taxas alarmantes de crime e violência. De acordo com o Banco Mundial, em 2019, o Brasil foi o nono país mais desigual do mundo (logo atrás de Moçambique), com um coeficiente de Gini de 0,543<sup>4</sup>. Enquanto os mais pobres deixam o país para encontrar trabalho em outros lugares, jovens profissionais e estudantes de classe média deixam o país para escapar do crime, da violência e do estresse da vida cotidiana (Rocha, 2014, p. 498-499; Rocha e Vásquez, 2013, p. 7-8). Para os estudantes de classe média, mudar-se para o Norte Global nem sempre é percebido como “migração”, mas como um intercâmbio cultural — um período estudando no exterior para se tornar fluente em uma nova língua e cultura. Também é visto como uma aventura e um rito de passagem durante o qual aprendem a viver sozinhos e a se sustentar sem a presença de família e amigos. Assim como muitos outros jovens de classe média em outros lugares, o que impulsiona suas viagens é o desejo de conhecerem o mundo e se tornarem adultos independentes e “cidadãos do mundo”. Isso é semelhante ao que Robertson (2014, p. 1924) analisou sobre jovens australianos de classe média que viajam para o exterior para o que chamam de “período sabático” (uma pausa entre o fim do ensino médio e o início da universidade), buscam “autorrealização, desenvolvimento profissional e viagens de lazer”. No entanto, para os brasileiros de classe média as viagens internacionais também servem como “um marco genuíno e incontestável de seu status como classe média. Em situações sociais, falar sobre suas experiências internacionais... opera... para marcar distinção social” (O’Dougherty, 2002, p. 124). Além disso, muitos também gostariam

---

4 <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/gini-coefficient-by-country>

de adquirir uma *flexible citizenship* (Cidadania Flexível) (Ong, 1999) ao se estabelecerem permanentemente no Norte Global para escapar dos altos níveis de crime e violência e da profunda crise socioeconômica no Brasil.

Desde o início do século XXI, a Austrália tornou-se um dos destinos preferidos para esse setor da sociedade brasileira. A cultura da praia/surfe do país, ruas seguras, inglês, economia forte e status de país desenvolvido são grandes atrativos (Rocha, 2006b, p. 147; Rocha, 2013, p. 68; Rocha, 2014, p. 498-499; Rocha, 2016, p. 166; Rocha, 2017a, p. 127; Wulfhorst, 2011, p. 42-44). Tradicionalmente, os Estados Unidos, que também oferecem muitas dessas características, atraíram a maioria dos estudantes migrantes brasileiros. No entanto, o sistema de vistos da Austrália, que lhes permite trabalhar e futuramente levar a uma possível migração através de um sistema de pontos ou um esquema de patrocínio do empregador, torna o país mais atraente. Além disso, na última década, os jovens brasileiros passaram a se referir cada vez mais à Hillsong para explicar por que vieram para a Austrália, em vez do habitual “Eu vim estudar inglês em um país de primeiro mundo que (graças a Deus!) tem uma cultura de praia e estilo de vida descontraído, assim como o Brasil”.

É difícil estimar um número preciso de brasileiros na Austrália, mas a comunidade vinha crescendo rapidamente até que a Austrália fechou suas fronteiras em março de 2020 para conter a pandemia de covid-19. As estatísticas oficiais subestimam muito a população brasileira nascida no país, pois a maioria dos brasileiros reluta em preencher os formulários do censo devido a não confiarem no governo (Hess e DaMatta, 1995, p. 6-9) ou sentem que, como estudantes internacionais temporários, não deveriam fazê-lo. No último censo de 2021, havia 46.720 brasileiros na Austrália (ABS, 2022a). Desses, a maioria tinha entre 25 e 39 anos (28.234). Esse total pode ser dividido em três faixas etárias: entre 25 e 29 anos (7.303), entre 30 e 34 anos (11.330) e entre 35 e 39 anos (10.234). O fato de que menos da metade possui cidadania (14.785) indica que a maioria são estudantes internacionais ou aqueles com vistos temporários de trabalho. Devemos ter em mente que o censo ocorreu mais de um ano após os primeiros períodos de isolamento

e fechamentos de fronteiras. Durante esse período, centenas de milhares de estudantes internacionais voltaram para casa. Eles estavam vivendo na miséria depois de perderem seus empregos, ao mesmo tempo que pagavam mensalidades escolares e aluguéis altos. O Primeiro Ministro, nessa época, recomendou que eles fossem para casa, e o governo não estendeu a eles o apoio financeiro que estava dando para os cidadãos.

Muitos estudantes brasileiros voltaram para casa, diminuindo o número de brasileiros na Austrália. Enquanto em 2019 havia 40.763 estudantes brasileiros matriculados em instituições de ensino no país, o número caiu para 33.563 em 2020 e para 12.233 em 2022. O Brasil foi o quarto país com mais estudantes na Austrália em 2019 e 2020, atrás de China, Índia e Nepal (Department of Education and Training, 2020). Mas em maio de 2022, o Brasil caiu para o sétimo lugar (Department of Education and Training, 2022). A maioria desses estudantes brasileiros já possui ensino superior ou trancou a universidade durante a graduação para estudar inglês na Austrália. Eles pensam que ser fluente em inglês é um caminho para levar uma vida cosmopolita, conseguir permanecer na Austrália, ou, se voltarem para casa, podem converter o capital cultural adquirido na Austrália em capital econômico (Bourdieu, 1986, p. 53-55), pois assim encontram melhores empregos no Brasil. Em uma pesquisa sobre o cosmopolitismo e as estratégias educacionais da classe média brasileira, Windle e Maire (2019, p. 725-726) encontraram um fenômeno similar:

Tanto para as elites econômicas quanto para os brasileiros de classe média, o capital cultural cosmopolita ganhou importância como um marcador de pertencimento a esses grupos, mais especificamente na forma do inglês fluente. [...] O prestígio do inglês como a língua da economia hegemônica dos Estados Unidos é reconhecido em toda a sociedade. Enquanto o inglês pode ser usado em viagens, é no mercado de trabalho e em círculos sociais que possui maior poder.

Ao longo de minha pesquisa de uma década, jovens brasileiros constantemente diziam que aprender inglês era um objetivo para conseguirem uma perspectiva cosmopolita na vida. É por isso que a maioria dos brasileiros que vão para a Austrália são estudantes da língua inglesa e depois se matriculam em colégios técnicos, esperando serem patrocinados por seus patrões com o objetivo de se tornarem cidadãos permanentes da Austrália, o que muitos conseguiram. O fato de terem frequentado a faculdade no Brasil e serem capazes de pagar por estudos fora do país comprova o status de classe média e média alta destes jovens no Brasil.

## Levando Vidas Precárias

A Austrália tradicionalmente recebe um grande número de imigrantes. Resultados do censo de 2021 mostram que do total de 25.5 milhões da população australiana, 27,6% nasceu em outro país e quase a metade (48,2%) são filhos de estrangeiros (ABS, 2022). Assim como outros países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a política de migração na Austrália tem deixado para trás o assentamento permanente e procurado uma mão de obra estrangeira flexível e temporária. Porém, as coisas estão mudando. Devido ao fechamento das fronteiras entre março de 2020 até 2021, por causa da pandemia da covid-19, e o número de pessoas sem trabalhar porque contraíram a doença, houve uma escassez de mão de obra. Para resolver esse problema, em setembro de 2022, o governo do novo Partido Trabalhista embarcou na maior mudança no programa de migração desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mudando o foco para residentes permanentes ao invés de temporários (Galloway, 2022). Foi anunciado um aumento do número anual de aceite de migrantes qualificados profissionalmente para 195.000 e do tempo que os estudantes internacionais podem permanecer e trabalhar no país depois de se formarem. No contexto do envelhecimento da população e da escassez de trabalhadores qualificados no Norte Global, os governos neoliberais passaram a ver os estudantes internacionais como uma forma de atrair jovens altamente qualificados que são

formados localmente e, ao mesmo tempo, revigorar o setor educacional, já que estes estudantes pagam mensalidades muito acima dos estudantes locais (Robertson e Runganaikaloo, 2014, p. 210).

Atualmente, o governo australiano oferece aos estudantes internacionais dois caminhos para a residência permanente e possível cidadania. O sistema de pontos atribui pontos de acordo com as características de um migrante “desejável”. Isso inclui idade, fluência no idioma, qualificações, área de trabalho e experiência profissional. Em caso de ser patrocinado por um empregador, o patrão deve justificar por que necessita manter os funcionários estrangeiros de forma permanente. Ambos os caminhos se baseiam em listas de profissões com grande demanda que estão em constante mudança de acordo com as necessidades econômicas. Robertson e Runganaikaloo (2014, p. 210–214) descobriram que o “vínculo migração–estudante” significa que o processo de migração se tornou longo e complicado. Estudantes migrantes vivem anos como residentes temporários, passando por uma série de vistos de estudante, vistos provisórios e vistos temporários de trabalho para recém graduados. A mudança de status do visto também aumenta a duração do processo. De acordo com a Universities Australia, o órgão máximo do setor universitário no país, os recém-formados estavam esperando por até dez meses para mudar de visto em 2022 (Galloway, 2022).

Desde 2000, houve diversas revisões nas políticas do sistema de pontos e na lista de profissões de alta demanda e, portanto, o processo de migração estudantil nunca é garantido. Devido à longa duração do processo e às constantes mudanças nas políticas de migração, estudantes se sentem inseguros em relação ao futuro. Embora se tornem socialmente assentados ao longo dos anos – fazendo amigos, estudando e trabalhando, pagando impostos e adquirindo o *habitus* e a visão de mundo australianos – eles não estão legalmente assentados. Até que sua residência permanente seja concedida, há sempre uma chance de que o tempo e dinheiro investidos na migração sejam em vão. Levando vidas precárias, esses estudantes sentem altos níveis de estresse e ansiedade.

Estudantes brasileiros enfrentam uma situação similar na Austrália. Entrevistei uma agente de viagens brasileira em Sydney, representante de uma empresa brasileira de intercâmbios para cristãos (este será discutido de forma mais aprofundada no capítulo 5). Ela explicou como a situação de estar na Austrália, mas não ser do país (ou seja, estar social, mas não legalmente assentado) se aplica para os jovens brasileiros:

A Austrália é um paraíso, mas não para nós. É uma ilusão. Há pessoas que estão aqui há cinco ou seis anos, e sentem que são australianos porque vivem aqui; eles possuem documentos – *tax file number*<sup>5</sup>, carteira de motorista, fazem a declaração do imposto de renda. Eles possuem a maioria dos direitos que todos aqui detêm. Começam a criticar o Brasil, mas nem possuem a residência permanente ainda! Eles não são australianos; eles são brasileiros com um visto de estudante. Além disso, possuem apenas relações superficiais com os australianos. Não possuem amigos australianos. É por isso que digo que somos como fantasmas aqui.

Quando questionei por que ela disse que eles eram como “fantasmas” aqui, ela explicou que viviam em um mundo paralelo, o que os tornava invisíveis. Por exemplo, estudavam principalmente em cursos técnicos para alunos internacionais (uma versão mais barata do Technical and Further Education [TAFE] administrado pelo governo, onde os australianos estudam). Eles também não possuíam uma grande fluência no idioma, socializavam praticamente apenas com outros brasileiros e ocupavam cargos em empregos não qualificados em áreas onde há poucos australianos. Para ela, a ilusão da Austrália tem origem também no fato de que, mesmo que os estudantes planejem muito bem suas estratégias de conseguir a residência permanente, não há garantia de que vão obtê-la. Ela deu o exemplo de um jovem pastor brasileiro da igreja CJC, localizada em Sydney, que adota muitas das características do estilo da Hillsong. Ele estudava teologia no

---

5 Documento obrigatório para poder trabalhar na Austrália (equivalente ao CPF).

Alphacrucis College, a faculdade oficial das igrejas cristãs australianas (conhecidas anteriormente como Assembleias de Deus na Austrália). Ele solicitou a residência permanente por meio de um advogado especializado em imigração quando se formou. Na semana seguinte, o departamento de imigração australiano alterou as regras, mas infelizmente o advogado de migração não havia feito a inscrição antes das mudanças. Ela explicou:

A profissão dele já não estava mais na lista. Foi por um final de semana! O advogado podia ter entrado com o pedido até sexta, mas não o fez. Na segunda-feira seguinte a vaga já não estava mais na lista. [...]. Há muitas regras e leis, ocupações são adicionadas ou retiradas o tempo todo. As pessoas ficam bem vulneráveis. Os migrantes estão nessa corrida para conseguir a residência permanente, e algumas vezes eles não conseguem.

Embora os estudantes internacionais vivam num limbo e sofram de altos níveis de ansiedade, Robertson e Runganaikaloo (2014, p. 214-215, 221-222) descobriram que eles possuem um pouco de agência, ou poder de ação, e desenvolvem estratégias de superação. O mesmo pode ser dito sobre os estudantes brasileiros. Por exemplo, o pastor mencionado anteriormente mudou-se para Canberra para acelerar o pedido de residência permanente, dessa vez como trabalhador de construção, profissão que exerceu durante muitos anos para sobreviver. Ele então aproveitou a oportunidade para abrir uma filial da CJC em Canberra. O Departamento de Assuntos Internos dá incentivos para que potenciais migrantes se estabeleçam nas áreas rurais e regionais da Austrália, e a capital nacional é considerada um centro regional para fins migratórios. Portanto, muitos brasileiros se mudaram devido a essas questões de imigração, já que a capital fica apenas a três horas de viagem de carro até Sydney.

Outra estratégia para lidar com a situação precária na qual os estudantes se encontram durante anos a fio é ter uma atitude fatalista: o que for para ser, será (Robertson e Runganaikaloo, 2014, p. 222). Muitos brasileiros

juntam a este fatalismo uma força maior. Eles depositam suas preocupações nas mãos de Deus. Para eles, “Deus está no controle”.

## Pentecostalismo, Vida Cotidiana e a Governamentalidade da Mobilidade

O pentecostalismo tem ajudado aqueles que se encontram numa situação de deslocamento. Miller e Yamamori (2077, p. 23) argumentam que “as igrejas pentecostais muitas vezes funcionam como famílias substitutas. Dentro dessas igrejas, é possível ter um papel na sociedade, uma identidade, como alguém que é valorizado e necessário. “É por isso que o pentecostalismo e a migração (interna ou internacional) são fenômenos interconectados (Levitt, 2007).

Os jovens brasileiros sofrem com a anomia quando chegam à Austrália (Rocha, 2006b, p. 156-157; 2013, p. 72-73; 2017b, p. 129). Eles podem ter passado férias com os pais no exterior, mas, para a maioria, esta não é só a primeira vez que deixam a casa da família, como também precisam trabalhar para se sustentar. Eles também têm que fazer isso no exterior, usando um idioma diferente e em uma cultura diferente. Os brasileiros de classe média só saem da casa dos pais e começam a trabalhar depois de terminarem a universidade e encontrarem empregos qualificados em tempo integral. Existem razões sociais e estruturais para isso. No Brasil, o trabalho não qualificado – como trabalhar em cafés, bares etc., que geralmente é feito por estudantes no Norte Global – é realizado pelo grande número de trabalhadores não qualificados das classes baixas da sociedade. Além disso, no Brasil, o serviço manual, seja na hotelaria, nos supermercados e limpeza, está associado aos pobres e, portanto, é algo a ser evitado. Em seu trabalho sobre trabalhadoras domésticas e classe social no Rio de Janeiro, Goldstein (2009, p. 158-159) descobriu que:

É simplesmente um anátema que a classe média [brasileira] se interesse por trabalhos braçais ou administre adequadamente

uma casa. Ser de classe média, nesse sentido, significa que você não pertence à classe trabalhadora. [...] [No Brasil] as classes médias são definidas pela sua capacidade de pagar alguém para fazer o trabalho braçal para elas. [...]. Os membros das classes média e alta que têm empregadas domésticas e sempre as tiveram não sabem realmente como fazer as coisas básicas por si próprios – limpar, cozinhar, lavar roupa ou cuidar das pequenas tarefas desagradáveis da vida.

Ao chegarem à Austrália sem suas famílias, eles devem aprender a realizar essas tarefas pela primeira vez. A maioria dos estudantes me contou que estavam se sentindo perdidos, pois não tinham ideia de como cozinhar, limpar ou gerenciar o dinheiro. Eles também se sentiam solitários e ansiosos em relação à sua nova vida adulta em um país estrangeiro. Um jovem brasileiro, que partiu para a Austrália aos 17 anos, logo após terminar o ensino médio, enfatizou como foi transformadora sua experiência no exterior:

O momento em que saí da casa da minha família e fui morar sozinho pela primeira vez foi muito intenso. Saí de casa com uma mochila e um ursinho de pelúcia debaixo do braço, era o que eu tinha. Eu tinha uma carteira e um celular no bolso. Olhar para baixo e literalmente ver que tudo o que eu tinha naquele momento estava em cima da mesa. [...] Claro, exceto pelos bens da minha família e tudo mais, mas naquele momento era isso que eu era. Esse tipo de experiência muda a sua vida.

Como estão entrando na vida adulta, muitos veem a estada na Austrália como um momento para se libertarem da vigilância dos pais e da sociedade. Pastores e jovens brasileiros me contaram em entrevistas que muitos começam a beber em demasia, usar drogas e/ou entraram em depressão. A cultura do consumo excessivo de álcool na Austrália agrava o problema. Pesquisas no Brasil (Sanchez et al., 2013) mostram que o consumo excessivo de álcool é mais prevalente entre estudantes ricos de escolas privadas de ensino médio do que entre estudantes pobres de escolas

públicas. O que também está fortemente associado à falta de acompanhamento parental e de estrutura familiar, e ao tempo gasto com amigos em festas e bares. No entanto, os mesmos estudos mostram que os adolescentes que participam de grupos de oração e frequentam a igreja correm menos risco de consumo excessivo de álcool. Quando jovens brasileiros de classe alta e média se mudam para a Austrália, essa situação é agravada. Eles estão longe da supervisão dos pais, mas na maioria das vezes ainda recebem dinheiro da família e, portanto, têm muito tempo e liberdade para sair para baladas com amigos à noite.

Por exemplo, o pastor sênior brasileiro da CJC me disse que a classe social e as novas liberdades na Austrália criam muitos problemas para os brasileiros:

Uma das dificuldades mais frequentes [que encontramos] são as pessoas que estão deprimidas porque chegaram aqui e se desiludiram de alguma forma. Por exemplo, há uma imagem que vendem no Brasil que não é verdadeira. Dizem que você vai chegar aqui, aprender inglês em seis meses, morar na praia e ganhar US\$20 (aproximadamente R\$103,92) por hora. Eles chegam aqui e é difícil encontrar um emprego, é difícil aprender inglês, e eles têm que morar em uma casa compartilhada de três quartos com mais 18 pessoas. Nesse momento, os estudantes tomam um choque de realidade e percebem que estão longe das famílias. Eles não podem voltar para a mãe e chorar no ombro dela. E eles estão sozinhos aqui e ficam muito deprimidos. Há muita frustração. Tem gente que vem aqui e tem pós-graduação e está limpando escritórios. É muito difícil para eles. Eles pensaram que vinham em busca de alguma coisa e acabaram em uma situação pior do que no Brasil.

Entre os muitos motivos da frustração e depressão identificados pelo pastor está o rebaixamento de status social simbolizado por terem que dividir quartos e trabalhar como faxineiros quando possuem pós-graduação, um claro indicativo de classe média (alta) no Brasil.

Muitos estudantes me contaram como ou gostavam dessa cultura de beber e dançar ou a evitavam por medo de que isso os desviasse de seus objetivos de aprender inglês e de se integrar na sociedade australiana. Por exemplo, João, 33 anos, é um pentecostal de São Paulo que trabalha na área de TI e veio para Sydney atraído pela cultura do surf e pela opção de aprender inglês. Ele começou a frequentar a megagreja australiana C3 porque era mais perto de sua casa do que a Hillsong. João destacou em uma entrevista que essa cultura de bebida e balada o fez evitar outros brasileiros: “Estudei em duas escolas de inglês aqui e 99,9% dos brasileiros estavam na Austrália para se divertir. Eles gostavam de bebida, baladas, drogas e sexo.” Quando salientei que também era fácil fazer essas coisas no Brasil, ele esclareceu:

Mas lá você tem a família. Ninguém te conhece aqui. E você está aqui por um curto período de tempo, então [você pensa] ‘vamos aproveitar o tempo que estamos aqui’. As pessoas vêm aqui para fazerem coisas que ainda não tiveram oportunidade de fazer [na vida]. O problema é que a maioria é muito jovem, [eles têm] 16, 17, 20. Eles estão muito sob o controle dos pais [no Brasil], então eles chegam aqui e se sentem livres, então [eles pensam:] ‘vamos transar com todo mundo, vamos beber’ [...] e os pais os sustentam financeiramente, eles não tiveram que trabalhar duro para chegarem aqui.

Eu então perguntei por que ele não gostava dessas coisas, e ele disse que o motivo é que ele era mais velho e tinha uma “relação com Deus”, que mostrou para ele como diferenciar o certo do errado. Ele costumava levar esse tipo de vida, mas o abandonou após começar a “caminhar com Jesus”. Ele tinha tanta fé que Deus o ajudaria a conseguir um emprego qualificado que ele pediu a um amigo, que iria de férias ao Brasil, para ir à sua casa pegar um terno para o seu futuro emprego. O terno é, claro, um indicativo de distinção de classe e por isto a importância para ele. Ele explicou:

Cristo está com você todos os dias, nas coisas naturais e espirituais. Tipo, quando estou indo vender meu carro ou trocar meu

visto. Hoje eu tenho um visto de estudante, [então] é difícil conseguir um emprego. Mas eu tenho fé. Eu não olho para as coisas naturais, porque o que você vê te desanima. Porque o que você vê te põe para baixo às vezes. Mas eu consigo ver o que não aconteceu ainda porque tenho fé. Na verdade, eu sei que Deus vai me dar essa oportunidade porque eu confio nele, entendeu?

Ele acreditava não só que Deus lhe daria um emprego, mas também que ele lhe deu apoio para vir para à Austrália e avisaria quando fosse a hora de ir embora:

Minha mãe continua a perguntar, ‘quando você volta pra casa?’. Eu sempre digo, ‘Eu não sei. Minha vida está nas mãos de Cristo. Se Ele me disser para voltar, então voltarei imediatamente’. Porque o que seja que Ele me diga para fazer, sei que é pelo meu bem. Se eu obedecer, terei sucesso. Ele sabe do que eu gosto e acho que às vezes Ele gosta de me agradar. Ele gosta de me ver feliz. Ele está me dizendo, ‘Sim, filho, por agora viva neste lindo país, se divirta surfando nessas fantásticas ondas com seus amigos.’ Então é isso que estou fazendo.

Nessa entrevista fica claro que a crença de João, seu dia a dia, incluindo seu projeto de migração e o desejo de reconquistar seu status de classe média, estão profundamente conectados. João mudou sua forma de viver depois que começou a “andar com Jesus” e acredita que Deus é um bom Pai, que diz como ele deve viver sua vida.

Outros estudantes eram pentecostais no Brasil, mas se rebelaram contra as regras estritas de suas igrejas e deixaram sua fé na adolescência. No entanto, após viverem na “cultura de baladas” da Austrália por meses e sentirem que estão perdendo o controle de suas vidas, eles decidiram encontrar uma igreja. Tome, como exemplo, André, que trancou o último ano da universidade no Brasil para ir para a Austrália. Ele morou em Sydney por cinco anos, primeiro estudando inglês e depois administração em um colégio técnico particular. Ele também trabalhou como operário em canteiros

de obras para se sustentar. Eu o entrevistei no Brasil alguns anos depois de ele ter retornado para ajudar nos negócios de seu pai. Ele me disse:

Você amadurece [na Austrália]. Você percebe a diferença [...] coisas que você não aprecia aqui no Brasil [...] seu pai e sua mãe. Lá, você tem que trabalhar na construção, acordar às 5 da manhã! Você cava buracos; você quebra paredes. Meu Deus! Na Austrália a criança chora e a mãe não vê. E você não pode pedir dinheiro ao seu pai toda hora.

André percebeu sua posição privilegiada depois que se mudou sozinho para a Austrália e teve que trabalhar como operário pela primeira vez. Os pais eram membros de uma igreja pentecostal no Brasil, enquanto ele e seu irmão mais velho haviam deixado a igreja. No entanto, depois de chegar à Austrália, ele logo ingressou na CJC. Ele explicou sua decisão com estas palavras:

Eu pedi a Deus: 'Eu quero encontrar uma igreja e continuar aqui.' Porque na Austrália é tudo tão fácil. Eu me refiro a sair dos trilhos. Muitos brasileiros estão longe de seus pais. Eles não tinham o costume de beber, mas começaram; eles não usavam drogas, mas passaram a usar. Eu tinha medo que isso fosse acontecer comigo.

Ele me explicou que receber dinheiro para renovar o visto o fez acreditar que Deus queria que ele ficasse no país:

Na primeira vez que precisei renovar meu visto, uma amiga me ajudou e foi a partir desse momento que eu percebi que realmente era Deus [querendo que eu ficasse por mais tempo]. Eu não tinha dinheiro para renovar o visto, eu ia voltar para o Brasil. Eu não ia pedir dinheiro para meu pai. Eu pensei: 'Deus, foi difícil chegar aqui, eu não quero voltar agora.' [Eu não tinha ideia de que] minha amiga tinha começado a arrecadar dinheiro na igreja. [Um dia] ela disse: 'Eu tenho o dinheiro para o seu visto' e me entregou um envelope. [Ela me deu] exatamente o valor que eu

precisava. Foi uma atitude muito legal; [a igreja] era como minha família. Nunca aconteceu algo assim comigo no Brasil [...] uma pessoa que eu conheci na igreja! Foi um milagre! Então senti que eu estava destinado a ficar. Eu comecei a chorar, a crer.

Nós podemos ver o papel da igreja como uma família para André, em contraste com a igreja em sua terra natal. Isso porque os brasileiros se mudam para a Austrália sozinhos, sem a família ou amigos, em um momento em que se encontram vulneráveis devido à transição para a vida adulta. Além disso, André deixou nas mãos de Deus a grande decisão que iria determinar o seu futuro: ele deveria ficar na Austrália e continuar no ciclo de constantemente ter que pagar para renovar o visto, executando trabalhos braçais na esperança de ganhar pontos ou um patrocinador para entrar com o pedido de residência permanente? Ou ele deveria desistir “do sonho” e voltar para o Brasil para começar uma “vida de verdade” em um país dominado pelo crime, mas onde estão sua família e amigos? Sem controle do visto para fazer a escolha dos seus sonhos, André, como muitos outros com os quais conversei, confiaram em Deus e passaram a ver os obstáculos em seu caminho para ficar no país, isso é, o regime de governamentalidade (visto, avaliações acadêmicas, empregos, patrocinadores) como algo sagrado para sua biografia.

Em todas essas histórias, nós vemos a comunidade da igreja fazendo o papel de *locus parentis* – fornecendo o apoio moral na ausência dos pais – mas também a ideia muito comum entre estas megagregas, de Deus como um pai carinhoso. Frequentar a igreja os apoia como cristãos renascidos e os protege dos perigos de estarem sozinhos num país distante, sem os pais pela primeira vez. Da mesma forma, em seu trabalho sobre os brasileiros em Londres, Olivia Sheringham (2013, p. 127) constatou que os brasileiros viam as igrejas como fornecedores de “uma estrutura moral a ser seguida em contrapartida a uma cidade de prazeres ‘imorais’”.

Tal discurso reforça a noção de “antes” e “depois” evidente em muitas das narrativas de conversão de entrevistados evangélicos. Suma Ikeuchi

(2019), que estudou o pentecostalismo entre nipo-brasileiros no Japão, propõe que a migração e a moralidade estão conectadas. Para ela (2020, p. 6), “A moralidade da mobilidade refere-se à interligação fundamental da mobilidade dos migrantes e da sensibilidade religiosa na reforma da subjetividade entre os itinerantes na diáspora.” Enquanto os migrantes estão longe de suas casas, eles também anseiam por uma casa celestial – o Reino de Deus. Nessa “dupla consciência diaspórica” eles criam novas subjetividades morais. Como Robbins (2010, p. 160-166) observou, o pentecostalismo é preeminentemente uma religião vivida. Quando as pessoas se convertem, elas anseiam romper com seu passado. Elas adotam novos rituais e estilos de vida que são profundamente incorporados e moralmente sancionados, e desenvolvem um relacionamento com Deus na vida cotidiana.

Além de lidar com a falta de supervisão dos pais e com o desgaste emocional de estarem sozinhos pela primeira vez na vida, os jovens brasileiros devem lidar com o rebaixamento de status social na Austrália. Isso é especialmente assustador para eles, dado que o trabalho braçal é um indicador significativo de distinção de classes sociais no Brasil (O’Dougherty, 2002; Goldstein, 2009; Rocha, 2006a, p. 75-78, 141; Rocha, 2006b, p. 149-157). Os dois trabalhos mais frequentes entre os brasileiros na Austrália – faxina, para as mulheres, e ajudante de obras, para homens – é uma fonte de ansiedade em relação à distinção de classe. Como apontado por Goldstein (2009, p. 159), no Brasil, “trabalhadores domésticos são um bom exemplo de capital cultural (Bourdieu, 1984) objetificado como um tipo de produto ou um serviço. [...] Você não pode pertencer à elite sem utilizar esses serviços”.

Durante o trabalho de campo, participei de muitas conversas que sobrepunham o rebaixamento de status social das pessoas e a vontade de Deus. Por exemplo, durante um acampamento religioso de Páscoa de três dias organizado pela CJC, eu estava conversando com duas jovens quando elas começaram a compartilhar sua situação difícil na Austrália. Cláudia, gerente de marketing no Brasil, acabara de chegar ao país e lamentava ter que trabalhar como faxineira. Ela disse: “Eu tinha empregada em casa! Eu

não posso me tornar uma empregada doméstica.” Sentindo-se um pouco envergonhada pela provável interpretação da outra jovem como esnobismo, ela explicou: “Não é que eu ache isso ruim, mas tenho alergia [a produtos de limpeza].” Jéssica, que havia se convertido e se filiado à igreja CJC três anos antes dessa conversa, não teve problemas em admitir que trabalhar como faxineira era um desafio para as pessoas de classe média. Ela respondeu de uma forma motivadora:

Se você está aqui, é porque Deus quer que você esteja. Ele deve ter algum plano para você. Quando cheguei aqui, eu não frequentava a igreja. Me converti aqui. Eu tinha que trabalhar como faxineira. Era uma situação angustiante para mim. Me senti humilhada. Eu odiava! Como resultado, ninguém queria me contratar. [Depois de me converter eu entendi que] Deus estava trabalhando a minha humildade, o meu orgulho. Antes Dele me dar o que eu queria, Ele me deu o que eu precisava. Ele está sempre agindo em nós. Essa viagem, você estar aqui, é para Ele agir em você, te transformar.

Para Jéssica, assim como para muitos outros que conheci, Deus orquestrou seu projeto de migração porque Ele tinha um plano maior em sua vida, que era fazer uma transformação em sua subjetividade e assim ter uma nova vida. Isso explicava suas dificuldades e a humilhação. Na igreja e nos encontros dos grupos de conexão<sup>6</sup>, esses estudantes migrantes aprenderam a reformular a sua jornada física em termos espirituais. A Bíblia ofereceu narrativas de confiança e descanso em Deus. É importante ressaltar que, ao invés de um Deus severo e punitivo, Ele é um pai amoroso que sabe o que é melhor para seus filhos, o que pode significar trabalhar de faxineira e operário e não conseguir a residência permanente na Austrália. Ao colocarem as suas esperanças nas mãos de Deus, eles encontram um espaço intermediário onde permanecem com otimismo e afastam a ansiedade

---

6 Grupos onde membros da igreja se encontram na casa de um líder para rezar juntos, fazer amigos, se apoiar mutuamente e aprender mais sobre Jesus.

em relação ao futuro. Isso também foi algo enfatizado pelos pastores. Por exemplo, um jovem pastor da CJC, ele mesmo um migrante brasileiro, disse à congregação: “Deus tem um plano para a sua vida. Ele não prometeu tudo o que você deseja, mas sim o que você precisa. Não perca as oportunidades que Jesus coloca em sua vida para viver o Evangelho no dia a dia.”

A história de Marcelo é outro bom exemplo de como os brasileiros de classe média alta chegam à Austrália, sofrem rebaixamento de status social e confiam em Deus para apoiá-los na superação das dificuldades e na recuperação do status de classe média. Marcelo era dono de uma grande loja de óculos em uma região nobre de São Paulo. Ele decidiu ir para a Austrália depois que sua loja foi roubada e a seguradora aproveitou uma brecha no contrato para pagar apenas metade do que lhe devia. Depois de anos trabalhando longas horas para abrir a loja, ele estava exausto e desiludido. Então ele decidiu aproveitar a vida. Aos 28 anos, vendeu a loja e se matriculou em um curso de inglês na Austrália. Assim como muitos outros estudantes brasileiros que entrevistei, ele escolheu a Austrália pelo clima semelhante, pela cultura do surf e pela possibilidade de trabalhar 20 horas semanais. Ao chegar, ele se juntou a outros estudantes internacionais que faziam trabalhos braçais não qualificados. Numa entrevista ele me contou como pediu a ajuda de Deus quando as coisas se tornaram insuportáveis:

Em uma manhã eu estava entregando leite. Eram quatro horas da madrugada, estava caindo o mundo de tanta chuva, e eu tinha que subir uma rua íngreme para entregar o leite na porta de uma casa. Eu disse: ‘Deus, Eu não consigo mais fazer isso!’ Ele respondeu claramente [em meu coração]: ‘Prepare seu currículo para encontrar um trabalho na sua área.’ Montei meu currículo na mesma semana e o enviei para várias lojas. Ele estava me guiando, e eu estava seguindo. A última loja que deixei meu currículo foi a que me chamou, e é onde estou até hoje.

Ele era pentecostal no Brasil, mas abandonou a igreja alguns anos antes da viagem. Depois que chegou, procurou uma igreja onde pudesse

aprender inglês e conhecer jovens australianos. Encontrou isso na C3, uma megagreja pentecostal Australiana em Sydney, onde ele morava. Lá, aprendeu que ser uma pessoa esforçada não era o suficiente para ter sucesso na vida. Eles precisavam ouvir a Deus e seguir à vontade Dele. Ele me disse:

Sempre fui um cara muito confiante. Sempre acreditei em mim mesmo e Deus fechou as portas para mim. Quando eu disse: ‘Chega, parei’, Ele disse: ‘Agora posso fazer meu trabalho’. E Ele transformou [minha vida]. Hoje sei que tenho que fazer a minha parte, mas se Deus não abrir portas na sua vida, esqueça. Se cheguei onde estou hoje, é por causa Dele. Deus transformou minha vida. Saí do Brasil me sentindo um perdedor, mas três anos depois estou vivendo um sonho muito maior do que jamais imaginei na minha vida.

Nós podemos ver mais uma vez o clichê do sonho associado com a Austrália e a graça de Deus em contraste com a vida difícil no Brasil, que vimos nos capítulos anteriores. Na época da entrevista, Marcelo era gerente de vendas de três filiais de uma loja e seu chefe estava patrocinando-o para a residência permanente. Outros inúmeros entrevistados me falaram que Deus os amava e sabia o que era melhor para eles, o que nem sempre era o que eles queriam (isto é, ficar na Austrália). Eles apenas tinham que ouvi-lo para que Ele pudesse apontar para a direção certa em suas vidas.

Em outra ocasião, o jovem pastor brasileiro da CJC, que perdeu o prazo de inscrição para a residência permanente que mencionei anteriormente, fez um sermão que considerei muito próximo de sua própria experiência de migração para a Austrália. Ele apontou para uma cadeira semelhante a um trono colocada no palco e disse à congregação:

Você não precisa se preocupar com o departamento de imigração, com o visto ou com seu chefe. Basta encostar a testa no chão, orar e descansar nos braços de Deus. Porque quando o governo [australiano] se levanta contra você, quando não permite que você fique, Ele protege você. Nenhum outro trono tomará o lugar de Deus. Em Atos 12:23, Herodes foi morto quando não louvou a

Deus. Nenhum poder terreno pode derrotar Deus. Descanse em Deus. Você não tem controle de sua vida. Que outra evidência você precisa de que perderá para Deus [se lutar contra ele]? É melhor se você entregar sua vida a Deus. Não lute contra Ele. Ele criou você. Ele está no controle de qualquer maneira.

Ele claramente colocou o poder do Estado contra o de Deus e revogou a autoridade do primeiro. Para ele, e para muitos outros com quem falei, Deus controlava totalmente a governamentalidade da mobilidade. Ele poderia fazer com que o departamento de imigração emitisse vistos, mas também negasse vistos se a pessoa fosse destinada a voltar para casa. Através da oração, as pessoas podiam estabelecer um relacionamento com Deus e pedir o que quisessem. Contudo, elas também tinham que ouvir o que Deus queria para suas vidas e seguir as instruções Dele. De qualquer forma, elas já pertenciam ao Reino de Deus, o que era mais importante do que tornar-se cidadão da Austrália. De fato, em outra ocasião, ele citou Isaías 40:29-31 em sua pregação: “Ele fortalece ao cansado e dá grande vigor ao que está sem forças. Até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam bem alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.” Ele então afirmou:

Desde que cheguei aqui, só tive preocupações. A gente só pensa em vistos, em encontrar trabalho e um lugar para morar. Mas temos que lembrar que somos cidadãos do céu. Tudo isso aqui é passageiro. Nossa casa está em outro lugar. Mantenha seus olhos em Cristo. Não perca a esperança.

Como essas igrejas enfatizam uma ética de sucesso pessoal neste mundo, faz sentido para os estudantes migrantes acreditarem que Deus vai ajudá-los com seus problemas do dia a dia e, se seguirem a vontade Dele, terão sucesso nessa vida, mesmo que isso signifique voltar para casa. Certa vez conheci um jovem brasileiro que, depois de morar seis anos em Sydney, havia adquirido a residência permanente e estava se formando no C3

College. No último semestre, um de seus professores profetizou que Deus tinha um plano para sua vida, que era retornar ao Brasil para abrir uma filial da igreja C3. Ele me disse: “Por meio do Espírito Santo, esse professor profetizou minha vida. Fiquei arrepiado da cabeça aos pés e comecei a chorar. Entendi que era exatamente o que eu precisava ouvir.” Perguntei então se ele não estava chateado porque, tendo finalmente recebido a residência depois de tantos anos de luta, ele tinha que voltar para o Brasil. A resposta dele foi a mesma que outros me deram: “Eu aprendi a nunca priorizar meus desejos. Eu gosto de priorizar a vontade de Deus porque sei que Ele sabe o que é melhor para mim.” À medida que as pessoas sentem que ouvem a vontade de Deus, rendem-se a ela porque Deus tem um plano para as suas vidas. A principal tarefa delas é discernir a voz de Deus dentre tantas outras vozes, um processo semelhante ao que Luhrmann (2012, p. 41) mostrou em sua pesquisa sobre a Vineyard Church, nos Estados Unidos:

Esses cristãos evangélicos não só precisam aceitar a ideia básica de que eles podem experimentar Deus diretamente; eles devem desenvolver as ferramentas interpretativas para fazê-lo de uma forma que possam experimentar autenticamente o que parece ser o pensamento interior gerado por Deus. Eles precisam escolher quais os pensamentos que são os de Deus e aprender a acreditar que realmente são de Deus, não os seus próprios, e eles precisam fazer de uma forma que não prejudique as demandas reais de suas vidas cotidianas. [...] Para um observador, o que impressiona é o quanto essas pessoas trabalham para se sentirem confiantes de que o Deus que fala com eles na mente é o mesmo Deus real e externo que libertou os judeus da escravidão e morreu na cruz.

Da mesma forma, num dos cultos da Hillsong, ouvi um pastor dizer à congregação: “A Bíblia não é um texto histórico; ela é relevante para a sua vida cotidiana.” Nas três igrejas onde conduzi a pesquisa (Hillsong, CJC e C3), durante os pedidos de oração no início dos cultos, as pessoas pediam constantemente orações por vistos, empregos e alojamento, além

das orações mais comuns por cura. Nesse sentido, podemos perceber as formas como o pentecostalismo é uma religião vivida e como esses jovens desenvolvem um relacionamento com Deus e vivenciam Sua presença no dia a dia.

### “É Tempo de Descansar em Deus”

Como vimos nas muitas histórias deste volume, todos os estudantes viajaram sozinhos para a Austrália e a igreja tornou-se a sua família. Enquanto os pastores desempenhavam o papel de pais, os congregantes tornavam-se irmãos e irmãs. A forma como os brasileiros participavam dos grupos de conexão da Hillsong nos dá uma boa compreensão de como eles constroem um senso de família. As megagregas são muitas vezes impessoais, por isso têm pequenos grupos de conexão que se reúnem fora da igreja, geralmente na casa do líder. Muitos brasileiros na Hillsong preferem participar de um grupo de conexão de brasileiros, já que eles podem falar em português e compartilhar suas preocupações com outras pessoas de sua terra natal.

Como parte da minha pesquisa de campo, participei de um grupo de conexão para brasileiros na Hillsong por dois anos. O grupo se reunia quinzenalmente durante a semana em um apartamento compartilhado por um dos líderes do grupo e dois outros participantes. Todos levavam comida para compartilhar — geralmente uma mistura de comidas brasileiras como um pacote de farofa e pão de queijo e comidas prontas como frango assado, patês e bolachinhas. Normalmente, compravam comida no grande supermercado no térreo do prédio antes de subirem para o apartamento. Eles tinham pouco tempo e dinheiro para preparar algo mais elaborado. Por ser mais velha e ter condições, sempre me esforçava para trazer um prato caseiro que os alimentasse, como forma de retribuir à sua generosidade em me deixar fazer a pesquisa com eles.

Depois de comermos juntos e socializarmos por uma hora, passávamos da mesa de jantar para a sala de estar. A reunião propriamente dita começaria com um dos líderes perguntando: “Como foi sua semana? Você

gostaria de compartilhar algo?” Uma noite, ninguém respondeu voluntariamente a essas perguntas, por isso a líder acrescentou: “Nós somos a sua família aqui. Nossas famílias estão longe no Brasil, então somos uma família. É assim que sobrevivemos aqui. Nós apoiamos uns aos outros.” Encorajados, os jovens começaram a se abrir. Uma jovem nos contou que estava feliz por ter encontrado um lugar para morar. Um homem disse que chegou à Austrália na semana anterior. Ele explicou que tinha morado no país em 2008, estudando inglês durante seis meses. Ele havia retornado ao Brasil, mas sempre quis voltar. Ele então nos disse: “As portas estavam fechadas. Fiz tudo o que pude para voltar, mas nada adiantou.” Ele interpretou isso como Deus lhe dizendo que ainda não era a hora. Agora que finalmente aconteceu, ele decidiu se batizar novamente, desta vez na Hillsong, para que isso marcasse sua nova vida. Entusiasmado, nos contou que o pastor havia marcado a data do seu batismo para o Domingo de Páscoa e, portanto, sentiu que Deus estava preparando esta ocasião especial para ele. Depois de outros terem compartilhado os seus medos, dificuldades e realizações como migrantes temporários na Austrália, a líder resumiu as suas narrativas com estas palavras:

Você ora e pensa que Deus não está ouvindo porque nada está acontecendo. Mas Ele está preparando as coisas. Seu tempo não é o tempo Dele. Deus tem coisas maravilhosas para você. Ele está loucamente apaixonado por você. Ele olha para baixo e vê Jesus em nós. Ele nos ama tanto que desistiu de Seu próprio filho, Sua coisa mais preciosa, por nós.

A vice-líder aproveitou essa deixa para acrescentar:

Eu tenho uma mensagem para vocês hoje. Deus me disse, ‘Minha filha, fique tranquila e saiba que eu sou Deus.’ Há dois períodos na vida: em um você luta pelo que você quer, e você reza para Deus fazer isso por você. É difícil. O outro período é de se render a Deus e deixar que Ele faça as coisas na sua vida. O tempo de Deus não é o seu. Quando as coisas não estão dando certo, pare

de lutar. Não é o momento certo. É tempo de descansar em Deus. Deus tem nossas melhores intenções em mente. No momento certo, Deus abre as portas e as coisas acontecem. Ele é um bom Pai; Ele é um Pai Amoroso. Nós somos seus filhos, e Ele quer ser nosso melhor amigo. Nós devemos perguntar a Deus o que Ele quer para nós; nós temos que perguntar a Ele: ‘O que eu tenho que fazer para ser a pessoa que Você quer que eu seja?’ Se Deus não está lhe dando algo, é porque você não está pronto ainda. Você precisa fazer mudanças em si mesmo antes que Ele possa ajudá-lo. Deus responde se você perguntar, e você deve manter silêncio após sua pergunta. Dê espaço para Deus te responder.

Assim, as líderes do grupo de conexão afirmam que Deus tinha um plano para cada um deles, e eles precisavam ouvir, transformar-se e então “descansar em Deus”, ou seja, ter fé que Ele estava trabalhando tendo em mente seus interesses. Ao encerrarmos a reunião depois de discutirmos uma passagem da Bíblia (que todos lemos em nossos aplicativos de telefone), as líderes nos perguntaram se queríamos orações para nós mesmos e para outros. Como sempre, a maioria das pessoas pediu orações por empregos e vistos de residência permanente, e algumas pediram orações por familiares no Brasil. Então, todos nos levantamos em círculo, demos as mãos, fechamos os olhos e nos revezamos orando pelos outros. Após as orações, abrimos os olhos e nos abraçamos. Começamos então a organizar o apartamento, lavar a louça e organizar caronas para as pessoas voltarem para casa. Eu costumava dar carona, pois a maioria deles não tinha carro. No carro, continuamos compartilhando sobre nossas vidas e sonhos para o futuro na Austrália. Esses rituais quinzenais geravam um forte senso de comunidade por meio da comensalidade, da socialização, da quase terapia em grupo, da oração, dos abraços, do carinho e da limpeza. Através desses rituais os participantes podiam sentir a presença de Deus, fazer parte de sua comunidade cristã e estar presentes tanto no Brasil quanto na Austrália. Eles também estavam envolvidos no cuidado familiar transnacional através da oração. Além dessas reuniões, os estudantes brasileiros estabeleceram fortes laços de amizade morando juntos, participando

de outras atividades na Hillsong, como o voluntariado, e participando de aulas bíblicas, churrascos, festas, jantares, passeios e acampamentos religiosos. Conseqüentemente, a maioria das pessoas permaneceu na congregação enquanto moravam na Austrália e continuaram amigos através das redes sociais com aqueles que conheceram na igreja, mesmo depois de terem retornado ao Brasil.

## Conclusão

Neste capítulo, explorei o papel do pentecostalismo na vida dos estudantes brasileiros na Austrália. Mostrei como o pentecostalismo os apoiou em suas migrações como estudantes. Para eles, Deus era um pai amoroso e um amigo íntimo que está presente nos momentos de necessidade e sabe o que é melhor para eles. Essas igrejas proporcionam uma comunidade atenciosa semelhante à família. Essas características eram particularmente significativas para os jovens que levavam vidas precárias e incertas. Eles estavam passando pela transição para a idade adulta e vivendo longe de sua terra natal e sem as famílias pela primeira vez. Eles também sofriam de ansiedade devido à perda de classe social e por estarem à mercê de mudanças constantes e repentinas na política de migração australiana. Nessa situação altamente estressante, um Deus e uma congregação atenciosos, e a crença num relacionamento pessoal com Deus são importantes para o seu bem-estar.

Em suas narrativas sobre a migração estudantil para a Austrália, os jovens brasileiros entrelaçam a governamentalidade da mobilidade e suas crenças e práticas religiosas. Como cidadãos do Sul Global, foge do controle deles se conseguirão estabelecer-se na Austrália. Assim, eles oram por vistos, empregos e patrocinadores e veem cada obstáculo e conquista como obra de Deus em suas vidas. Para eles, o poder Dele é superior ao do governo australiano e Ele determina se podem ficar ou se devem regressar ao Brasil. É importante ressaltar que a cidadania no Reino de Deus lhes dá um sentimento de pertencimento mais significativo do que o do Estado australiano.

Como são de classe média, esses jovens brasileiros possuíam recursos em seu país de origem e se conformavam em não conseguirem ficar na Austrália, já que muitos abandonaram bons empregos para trabalharem em canteiros de obras e em faxina e enfrentaram muitas dificuldades juntando dinheiro para fechar as contas no final do mês, enquanto possuíam uma vida confortável no Brasil. Alguns estudantes também estavam esperançosos de voltar à Austrália como turistas para visitar seus amigos, o que alguns deles de fato fizeram.